

Relação família-escola:
Relatos e aprendizados de
uma Aldeia em construção



CIEDS / Fundação Itaú Social
Sistematização do Programa Relação Família-Escola

Relação família-escola: relatos e aprendizados de uma Aldeia em construção

Rio de Janeiro
2018

Ficha Técnica

CIEDS

Presidência

Vandré Brilhante

Direção Executiva

Fabio Muller

Gerencia de Educação e Cidadania

José Claudio Barros

Programa Relação Família Escola

Márcia Florencio

Ana Muniz

Nathacha Ferreira

Vander Castro

Polliana Aroeira

Elizabeth Gonçalves

Relação família-escola: relatos e aprendizados de uma Aldeia em construção

Consultoria de Sistematização

Joana Milliet

Revisão

Ana Muniz

Nathacha Ferreira

José Claudio Barros

Edição

José Claudio Barros

Projeto Gráfico

Guilherme Nascimento

Sumário

<i>OCIEDS</i>	6
<i>A fundação Itaú Social</i>	7
<i>Apresentação</i>	8
<i>Quando a escola se torna uma aldeia</i>	9
<i>1. Para iniciar a conversa sobre relação família-escola</i>	11
<i>2. A família na escola</i>	14
<i>3. A culpa é de quem?</i>	17
<i>4. Mas o que significa participar?</i>	20
<i>5. A família na escola e no território: Construindo laços locais</i>	25
<i>Fortalecendo laços comunitários e o sentimento de pertencimento com o território</i>	30
<i>6. Formação humanizadora e participativa</i>	32
<i>7. Partilha de experiências e a construção coletiva</i>	39
<i>8. O engajamento das Secretarias em uma nova cultura de interação família escola</i>	41
<i>Caminhos e trilhas para conectar Aldeias</i>	43
<i>Referências Bibliográficas</i>	44

O CIEDS, Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável, fundado em 1998, é uma Instituição Social Sem Fins Lucrativos, filantrópica, signatária do Pacto Global da ONU, com status de Consultor Especial do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas – ECOSOC e membro do Grupo Consultivo da Sociedade Civil do Banco Interamericano de Desenvolvimento – ConSOC Brasil do BID. Foi eleito, em 2018, pelo prêmio TOP 500 NGOs, do NGO Advisor, a 3ª ONG mais relevante do Brasil e a 70º do mundo.

Por meio de parcerias estratégicas com governos, instituições, empresas e sociedade civil, constrói redes para a prosperidade, entendendo prosperidade como boa educação, boa alimentação, saúde e principalmente, confiança no futuro.

A organização cria e articula tecnologias que possibilitam políticas públicas mais efetivas e um investimento social estratégico. Suas ações concentram-se em três eixos: a) Educação e Cidadania; b) Inclusão Social e Bem-Estar; c) Empreendedorismo e Inovação Social, abordando temas como fortalecimento da educação pública, democratização da cultura, empreendedorismo juvenil, desenvolvimento comunitário e assessoria na implementação de políticas públicas socioassistenciais.

Com foco em gestão de excelência em 20 anos de história, foram mais de 400 projetos realizados, mais de 500 mil beneficiários diretos, mais de 2.500 comunidades atendidas, mais de 10 mil funcionários e mais de 600 parceiros.

#Redesparaaprospriedade

A Fundação Itaú Social

www.fundacaoitausocial.org.br

O foco da Fundação Itaú Social em ações de promoção da educação, peça-chave para o desenvolvimento sustentável de um país, segue os valores e compromissos do Itaú, que busca contribuir com o desafio de garantir educação de qualidade às crianças e jovens brasileiros. A Fundação Itaú Social tem sido protagonista de muitas conquistas para o campo social, transformando a vida de milhares de brasileiros.

O investimento em educação é uma das forças motrizes da transformação social e um dos pilares básicos do desenvolvimento sustentável de um país. Na visão do banco, concretizada por meio da Fundação Itaú Social, isso requer políticas de governo efetivas aliadas à ampla participação dos diversos setores da sociedade. É a partir dessa premissa que se concentram os investimentos sociais para melhoria da educação pública.

Sempre lançando mão de uma abordagem sistêmica na área de educação e atuando em parceria com as três esferas de governo, empresas e organizações não governamentais, a Fundação Itaú Social foca seu trabalho em quatro eixos:

- Educação Integral - Ampliação de tempos, espaços e conteúdos de aprendizagem na concepção de desenvolvimento pleno do ser humano;
- Gestão Educacional - Fortalecimento das equipes técnicas e aprimoramento da gestão dos sistemas de ensino público;
- Mobilização Social - Engajamento social de colaboradores, clientes e sociedade;
- Avaliação Econômica de Projetos Sociais - Qualificar e aprimorar o investimento social, medindo seu impacto.

A Fundação Itaú Social tem como Missão - desenvolver, compartilhar e implementar tecnologias sociais para a melhoria da educação pública brasileira.

Tem como foco para o seu olhar a provocação de resultados educacionais transformadores. E destaca como valores o comprometimento, entusiasmo, parceria, respeito, ética e transparência, foco em Resultados e busca de excelência.

Apresentação

Compreendendo a relação família-escola como um dos eixos estruturantes de um conjunto de políticas educacionais para melhorar a qualidade da educação com equidade, a Fundação Itaú Social iniciou um percurso de pesquisa¹ que levou à criação do Programa Coordenadores de Pais desenvolvido em parceria com secretarias estaduais e municipais de diferentes localidades do país.

O Programa, inspirado na experiência de Nova York, contratava profissionais para trabalharem nas escolas, que se dedicavam de forma integral à relação com as famílias. Os Coordenadores de Pais eram, em sua maioria, moradores das comunidades onde as escolas estavam inseridas e por isso conheciam bem a realidade local, facilitando o relacionamento com as famílias.

A experiência produziu um conjunto de aprendizados. A principal foi que a interação com a família não pode ser uma ação desarticulada da gestão educacional da escola sem o envolvimento de todas as equipes escolares. Esta reflexão levou a uma reestruturação do programa que passou a se chamar Relação Família Escola e a focar na assessoria e formação de equipes de Secretarias e Escolas para mapeamento e desenho de ações de interação família escola. Suas ações compreenderam encontros de partilha, formação e construção colaborativa com equipes das secretarias e escolas e com as famílias, propiciando momentos ricos de diálogo que culminaram em planos de ação concebidos conjuntamente por todos os atores.

Os programas foram realizados entre 2014 e 2017 em parceria com secretarias de educação e implementado pelo CIEDS nos estados do Espírito Santo, São Paulo, Goiás e Pará e nos municípios de Santos e Salvador. As aprendizagens vividas pelas experiências foram organizadas nesta publicação que não pretende ser um receituário sobre como promover a integração da família e a escola. Mas trazer referências que ajudem escolas e secretarias no desenho de estratégias que podem ser tanto locais quanto de gestão pública. A publicação é permeada por conteúdos que representam o caminhar reflexivo do programa com depoimentos de gestores, profissionais das escolas, familiares e coordenadores de pais que em suas falas trazem sinalizações de caminhos a serem trilhados além de evidências de resultados conquistados.

O primeiro capítulo apresenta conceitos e referências nacionais para o tema; o segundo e terceiro capítulo analisam o contexto da família na escola e o processo de culpabilização presente hoje na relação entre famílias e escolas; o quarto e quinto capítulo refletem sobre o tema da participação qualificando o conceito à luz do princípio da gestão democrática e apresentam estratégias que contribuem para integrar família, escola e comunidade; os capítulos seis, sete e oito referem-se às práticas, posturas e estratégias públicas que podem ser adotadas pela gestão pública na mobilização de suas redes em torno do tema.

Como dito no início, são capítulos construídos a partir das aprendizagens e experiências de campo que envolvem diferentes atores e contextos. Devem ser lidos à luz das realidades de cada leitor seja um gestor da educação, um profissional de escola, um familiar, um estudante ou um líder comunitário que deseje fortalecer as relações de integração em sua comunidade com a escola. São diferentes olhares, para diferentes possibilidades e diferentes caminhos, mas com um mesmo propósito: tornar a educação mais viva e efetiva a partir da união dos diferentes atores de uma comunidade escolar.

¹ "Em 2008, a Fundação Itaú Social realizou pesquisa de campo sobre a reforma educacional de Nova York, em parceria com o Instituto Fernand Braudel. Uma das questões detalhadas no estudo foi como a aproximação família-escola se tornou um dos eixos estruturantes da reforma educacional naquela cidade, iniciada em 2003. Cada uma das 1.100 escolas da rede nova-iorquina recebeu um coordenador de pais, com dedicação integral voltada ao relacionamento com famílias, além de apoio ao acompanhamento de alunos com problemas de comportamento." (GUEDES; LEITE, 2015, p.15)

Quando a escola se torna uma Aldeia

Em muitos murais de escolas é possível ler a frase “É necessário uma aldeia inteira para educar uma criança²”. Apesar da riqueza pedagógica presente na afirmação, em muitos casos ela se limita a ser apenas um mero enfeite de parede. Compreender que a ação educativa se estende para além dos muros da escola e estabelecer estratégias que propiciem uma interação pedagógica com famílias e comunidade ainda é um desafio - e sequer faz parte das intencionalidades - de muitas escolas.

O discurso de que é necessário ter a família participando da escola está presente em praticamente todas as escolas. Entretanto, diferentes interpretações e visões estão por trás destes discursos. De um lado, discursos marcados pelo preconceito e pela culpabilização das famílias para o “fracasso” escolar dos seus filhos. Onde o entendimento de “participação” é limitado à presença da família em atividades comemorativas e garantindo que seus filhos tenham um comportamento disciplinado em sala de aula. De outro, discursos que compreendem a participação no contexto da gestão democrática da escola. Onde familiares participam de decisões, encontram espaços de escuta e acolhida e são vistos realmente como parceiros da educação integral junto com os estudantes.

Em meio a essas diferentes visões e apesar das contrariedades, muitos profissionais da educação estão encontrando caminhos para fortalecer a integração entre escolas, famílias e comunidade. Primeiro, ampliando ou criando novos espaços de acolhida para as famílias dentro das escolas com festas, palestras, café com pais, ou apenas mudando horários de reuniões para garantir melhor acesso e participação. Segundo, aprimorando a escuta. A escuta mais carinhosa e acolhedora da família. A escuta sem acusações, com empatia. Terceiro, olhando para além dos muros da escola, conhecendo e explorando o território onde está inserida. Não apenas cartograficamente, mas conhecendo simbólica e culturalmente. Identificando as redes e conexões locais que envolvem as famílias e como se entrelaçam com o fazer pedagógico da escola. E por final, criando espaços de participação efetiva da família, onde ela se sinta parte de uma proposta pedagógica e integrante vivo e ativo da gestão democrática – e pedagógica - da escola.

As aprendizagens organizadas nesta publicação perpassam esses diferentes caminhos. Aprendizagens fruto da experiência de escolas que foram motivadas inicialmente pelo programa Coordenadores de Pais e, em seguida, pelo Programa Relação Família Escola de iniciativa da Fundação Itaú Social e executados pelo CIEDS. São aprendizagens de profissionais que ousaram olhar para além dos muros de suas escolas e se permitiram ensaiar cantos e danças de uma Aldeia composta por professores, diretores, coordenações pedagógicas, estudantes, mães, pais, tios, avós, irmãos, padrinhos, vizinhos entre outros membros de uma tribo de diferentes que se juntam em torno do propósito do educar. Uma dança que vai agregando outros membros da tribo e de outras tribos. Profissionais e parceiros do Posto de Saúde, da unidade do CRAS³, de ONGs e Centros Comunitários, de Associações de Moradores e Igrejas, entre outros que de uma forma ou de outra também possuem vínculos com os estudantes e suas famílias e com o território.

Por sinal, para muitas escolas esta foi uma das principais aprendizagens: Compreender que se aproximar das famílias significava se aproximar da comunidade. Para aquelas que fortaleceram esta rede, os resultados foram muito positivos. Agilidade em encaminhamentos de serviços de saúde e assistência que não dependiam da escola, retorno de estudantes evadidos e melhora da frequência a partir do engajamento de outros atores e da própria família, resolução de forma mais

² Provérbio Africano

³ Centro de Referência de Assistência Social

pacífica e integradora de conflitos entre estudantes e entre estudantes e profissionais da escola, melhora da ambiência escolar, ampliação dos parceiros locais da escola e de projetos de integração com a comunidade, além de melhora de desempenho de alunos e alunas. Resultados que aparecem dispersos e invisibilizados em meio às estatísticas das secretarias de educação. Mas que são rapidamente identificados e reconhecidos pelas escolas e seus profissionais.

Este por sinal, é um dos principais desafios das escolas que adotam estratégias de aproximação com a família. Terem suas ações e resultados reconhecidos e fortalecidos pela política pública de educação. Infelizmente, os desafios da aprendizagem ainda recaem com muito peso nos ombros de grande parte das escolas com pouco apoio estruturado de políticas e ações públicas. No campo da integração com famílias e comunidade, poucas secretarias possuem estratégias desenhadas que suportem a necessidade e desejo das escolas.

As aprendizagens organizadas nesta publicação podem ser sementes tanto para novas e diferentes iniciativas de escolas quanto para, principalmente, desenhos de políticas. Sementes que podem florescer em diferentes Aldeias que estarão unidas no canto da ciranda celebrando a educação de qualidade pela qual nossas escolas lutam.

Boa leitura, boa partilha e boas entoadas no canto das Aldeias.



1. Para iniciar a conversa sobre relação família-escola

Família e escola são as principais instituições sociais responsáveis pelo desenvolvimento de crianças e adolescentes e a forma como atuam tem impacto significativo na formação dos sujeitos. A Constituição Federal do Brasil define a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família”. Sendo o Estado representado pela escola pública, subentende-se nessa corresponsabilidade uma relação necessária entre família e escola (RESENDE; SILVA, 2016). No entanto, sabemos que suas responsabilidades são distintas e suas naturezas educativas diferem em seus objetivos, conteúdos e métodos.

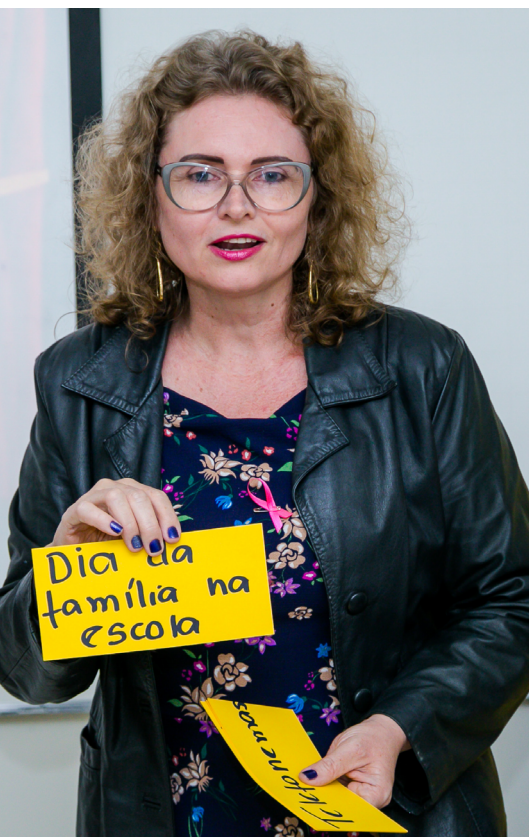
Partindo da concepção de educação integral, a escola, responsável pela educação formal, tem como função “garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural e se constituir como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais.”
(CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2017)

Também responsável pelo processo de socialização dos sujeitos, as famílias têm a função de transmissão da herança cultural, a partir de sua realidade social e histórica e “seu caráter educativo expressa-se tanto na finalidade de transmissão de saberes, hábitos, conhecimentos e em procedimentos que garantam sua aquisição e fixação, como também na constante avaliação dos membros receptores quanto ao grau de assimilação do que lhes foi transmitido”
(SZYMANSKI, 2007, p. 20)

O primeiro desafio que surge para fortalecer a integração entre escola e família no ato de educar é criar o entendimento entre estes atores de que eles dividem uma corresponsabilidade e que suas ações e intenções devem estar alinhadas e integradas. Criar este entendimento significa romper com estereótipos e preconceções. Resende e Silva (2016) chamam a atenção para o fato de que se por um lado há “intensificação dos contatos entre as duas instituições, por outro lado encontram-se também frequentes referências às tensões e ambiguidades que permeiam essa relação, cuja complexidade e assimetria são consensualmente reconhecidas” (p.4)

Tendo como base a proposta de educação integral, que reconhece os saberes da família e da comunidade na formação integral da criança e do adolescente, a escola tem a função de articuladora das diversas experiências educativas que os alunos podem viver dentro e fora dela (CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2017). A aprendizagem pressupõe construção de sentido e precisa ser mediada pelas experiências e práticas culturais que os estudantes trazem de suas famílias e comuni-

dade. Nesse sentido, tanto o território quanto a família têm papel fundamental no processo de aprendizagem dos estudantes, pois possibilitam a ampliação dos conteúdos formais curriculares a partir da integração com outros tempos, espaços e saberes locais. Leite (2016) diz que “para além de acompanhar a trajetória escolar, a família precisa ser valorizada no processo educativo quanto àquele saber que só ela detém e que a escola, com toda a sua especialização, não pode substituir”.



A temática da relação família-escola vem, nas últimas décadas, adquirindo destaque no campo da educação. Diversas experiências e estudos apontam a relevância que o envolvimento da família com a escola possui para a trajetória de sucesso do estudante. Estudo realizado pela UNESCO em parceria com o Ministério da Educação, a partir de diferentes experiências escolares concluiu que “quando a escola melhora seu conhecimento e compreensão sobre os alunos, sua capacidade de comunicação e adequação das estratégias didáticas aumenta e, em consequência, aumentam as chances de um trabalho escolar bem-sucedido. Nesse sentido, a conquista da tão desejada participação das famílias na vida escolar dos alunos deve ser vista como parte constituinte do trabalho de planejamento educacional.” (UNESCO, MEC, 2009).

Para além das pesquisas e subsidiando elas, esta a fala de grande parte dos gestores e técnicos das secretarias que reiteram a importância da integração da Família com a Escola, sendo praticamente uma fala comum entre eles. Contudo, esse consenso em torno do tema não se traduz em programas e projetos estruturados nas secretarias de educação do país.

Na educação são tantas as mazelas consideradas prioritárias, que ainda não há um olhar para a relação família-escola. Enquanto não tiver esse olhar estratégico no campo da gestão, e aí estou falando de ministério e secretarias mesmo, é muito difícil você fazer reverberar na unidade escolar, na ponta, porque não vem como uma prioridade.
(Priscila Dias Leite, Fundação Itaú Social)

Na legislação educacional brasileira, no âmbito federal, estão previstas abordagens sobre a relação família-escola. No entanto, seus critérios e procedimentos são responsabilidade de cada rede de ensino, não sendo objeto de regulamentação estatal no país (RESENDE; SILVA, 2016).

Nesse contexto, os programas e políticas voltados para a relação família-escola se mostram, de modo geral, dispersos e descontínuos, ficando a cargo de cada instituição escolar as iniciativas de aproximação com as famílias, cuja efetiva participação na gestão das questões educacionais ainda constitui um desafio.
(p. 51)

Poucas secretarias conseguem implementar um programa estruturado que apoie as unidades escolares nesta integração com famílias e comunidade. Em grande parte das redes, o que predomina são iniciativas das próprias escolas que, em geral, não contam com algum referencial, diretriz ou apoio técnico e de recursos por parte das secretarias.

Por mais que seja louvável e relevante a iniciativa e esforço de inúmeras escolas, é fundamental o engajamento e comprometimento das Secretarias de Educação na adoção de estratégias públicas de fomento e suporte para estratégias de interação da família com a escola nas redes públicas de ensino. Estratégias que promovam o alinhamento de visões, que estimulem o desenho e implementação de estratégias, que garantam suporte e formação no tema, que garantam o acompanhamento de experiências além do mapeamento e partilha de aprendizagens e boas práticas desenvolvidas na rede.

Sugestão de Atividade:

Promover um mapeamento de boas práticas de Interação Família Escola da Rede

Conhecer e valorizar o que já ocorre na Rede é fundamental. Uma boa dica é a Secretaria, por meio de um formulário simples, identificar boas práticas que estão promovendo bons resultados na interação entre famílias e escolas. O formulário pode ser de fácil preenchimento trazendo:

1. Identificação da Escola e dos responsáveis pela atividade
2. Nome da atividade
3. Breve descrição da Atividade
4. Descrição dos resultados obtidos com a atividade
5. Fotos da atividade

Os formulários preenchidos podem gerar uma publicação eletrônica que seria disponibilizada para toda a rede. Algumas experiências poderiam ser selecionadas para apresentação em reuniões da Secretaria com direções e Coordenações Pedagógicas, subsidiando conversas dialogadas com a equipe técnica da Secretaria e convidados de Universidades Locais ou de Programas de Trabalho Social com Famílias existentes na Secretaria de Assistência Social.

2. A família na escola

Então a gente tem que entender que a família está posta como ela é hoje. Ela é constituída do jeito que é, com avô, com avó, com pai, com mãe, com padrasto, dois pais, duas mães, enfim... É a família que o aluno tem, é essa família que nós precisamos acolher. Então é esse olhar que a gente tem que ter pra família hoje. (Supervisora da Secretaria Municipal de Educação de Santos)

De que famílias estamos falando?

Família é uma construção social que se transforma ao longo dos tempos, refletindo as mudanças da própria sociedade. Em seu livro *Relação família/escola: desafios e perspectivas*, Heloisa Szymanski conta que quando a escola passou a assumir a educação formal (Século XVII), surgiu a preocupação com o acompanhamento dos pais à vida escolar dos filhos e por isso foram elaborados tratados de educação para os pais com o objetivo de orientá-los sobre seus deveres e responsabilidades. Essas orientações expressavam as expectativas da sociedade a partir do modelo de família nuclear burguesa, na qual a mulher tinha como função formar os filhos e o homem ser o provedor. Segundo a autora, essa divisão de trabalho por gênero permanece atualmente ainda muito forte no imaginário, reforçando um modelo de família construído séculos atrás.

Uma das dificuldades é o entendimento desse novo contexto dos grupos familiares. A gente entende que é um investimento que precisa ser feito, em termos de formação, tanto para Secretarias, pensando nas equipes dos órgãos centrais, técnicos das Secretarias, quanto para as escolas, que mesmo tendo contato com esses grupos familiares, pais de primeiro, de segundo casamento, enfim, diferentes arranjos familiares que já estão dentro da escola, mas que muitas vezes não são vistos com naturalidade. (Sonia Dias, Fundação Itaú Social)

Compreender historicamente como se deu a construção da instituição família é de grande importância para educadores e gestores escolares, para que se possa discutir e problematizar quais são os modelos de família que estão postos hoje, desconstruindo a ideia de que o modelo de família contemporânea está em desordem e de que as famílias de hoje são desestruturadas

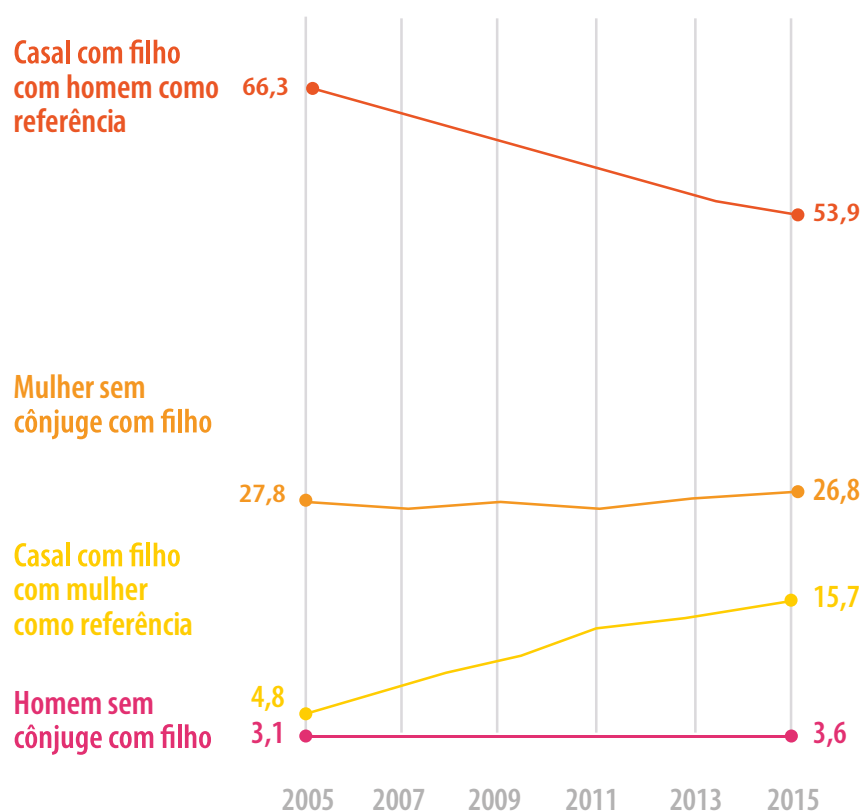


Como que eu vou ficar chamando essa mãe aqui todo dia para ela acompanhar, para ela sentar do lado do menino? Porque hoje em dia a maioria das mães cria seu filho sozinha, a gente não tem mais aquela realidade de antigamente em que a mãe podia estar ali. Então, nós temos que pensar esse lado também, eu estou no século XXI, onde a mãe é chefe de família, entendeu?
(Diretora de uma escola no Espírito Santo)

De acordo com os dados do IBGE é evidente a mudança no papel da mulher dentro das famílias brasileiras. Os dados mostram que 26,8% das mulheres vivem com filhos sem cônjuge. Observa-se também que em 10 anos cresceu consideravelmente o número de casais com filhos que têm a mulher como referência na casa, ao mesmo tempo em que há queda do número de casais em que o homem é referência, mostrando as novas configurações familiares que estão presentes hoje nas escolas.

Famílias com filhos

Tipos de arranjos familiares em que há filhos (ou seja, casais sem filhos e pessoas morando sozinhas são desconsideradas).



Fonte: IBGE

Infográfico elaborado em 11/05/2017

Os dados que revelam as atuais configurações da família brasileira revelam um conceito de família que se distancia do padrão de família "estruturada" presente em grande parte dos discursos encontrados na sociedade e, em especial, na escola. Esta fala acaba sendo utilizada como justificativa para a não realização de ações ou para a marginalização da família ou na exclusão dela por meio de falas e atitudes. As diferentes configurações familiares e necessidade de rever terminologias utilizadas pela escola que

marcam a relação com família privilegiando pais e mães quando há uma ampla realidade de avós, irmãs, tios, padrinhos entre outros, incluindo casais homoafetivos. É responsabilidade da escola promover a inclusão de todos com respeito e acolhida.



De olho nas boas práticas

“Criamos um projeto de leitura do 6º ao 9º ano, a gente convida duas meninas de cada sala, monta um tatame no recreio e eles, que estudam de manhã, vão à tarde para a escola contar histórias para os menores. Elas querem fazer teatro, fantoche, é bem legal!” (Coordenadora de Pais da Rede Municipal de Santos)

Ampliar a visão do conceito de família considerando todos estes diferentes atores, deve ser considerado como uma grande oportunidade de ampliar repertórios e parcerias dentro da escola. Avós são ótimos para contar histórias e resgatar memórias da comunidade; irmãos mais velhos podem ser parceiros voluntários de ações sociais e educativas; casais homoafetivos podem ampliar a reflexão sobre diversidade, respeito e tolerância dentro da escola. Para as crianças cujos familiares fogem ao padrão de casal pai e mãe heterossexuais esta presença valorizada é reconfortante.

Sugestão de Atividade:

Criar um espaço de valorização do saber local e das famílias

É importante valorizar os conhecimentos e saberes dos próprios familiares e outros atores da comunidade para refletir sobre assuntos importantes do cotidiano das famílias, dos jovens e da comunidade escolar.

Aqui vale a pena mapear as instituições no entorno da escola, em especial os Centros de Referência da Assistência Social e Organizações Não Governamentais que atuam com trabalho social com famílias e onde é possível encontrar profissionais de diferentes áreas para palestras e oficinas. Eles podem ser parceiros na organização dos encontros e para outras ações.

Também é importante contar com a participação das famílias para planejar os encontros e mobilizar a comunidade.

Algumas ideias para esta ação são:

- convidar pessoas mais velhas das famílias como avôs e avós para trazer relatos da história da comunidade;
- convidar familiares para partilhar saberes de suas profissões ou falar de suas terras de origens (cultura local, comida típica, vegetação e clima característico, sotaques);
- convidar merendeiras para falar de alimentação balanceada;
- convidar grupos e instituições da comunidade para apresentar seus trabalhos;

3. A culpa é de quem?



Temos que parar esse círculo vicioso de culpabilidade. A família culpa a escola, a escola culpa a família, professor culpa o aluno, o aluno culpa o professor. E aí vai indo, enquanto ficar todo mundo culpando, culpando, culpando, ninguém faz nada.
(Gestora Secretária de Educação do Estado de Goiás)

Um aspecto importante na relação da família com a escola é o ciclo de culpabilização. De um lado, a família culpa a escola pela baixa aprendizagem e punições impostas aos alunos e, de outro, a escola culpa as famílias pelo baixo desempenho, evasão e questões de comportamento dos alunos. Este ciclo já vem sendo questionado pelos próprios profissionais de muitas escolas que começam a compreender o quanto acirrar este ciclo aumenta ainda mais a distância entre famílias e escolas.

Na hora que chama a família, eles já chegam atacando. E às vezes a própria equipe só chama para reclamar. Então isso é uma dificuldade que a gente sempre fala, que a gente também tem que trazer coisa boa, porque chamar só para reclamar, para dizer seu filho está bagunçando, não faz lição, essas coisas... Então isso também atrapalha muito! E aí quando eles são chamados a escola sempre tem culpa. A professora não presta, a professora grita, a professora é isso, a professora é aquilo.
(Supervisora da Secretaria Municipal de Santos)

O processo de culpabilização está diretamente relacionado à percepção de descumprimento de papéis. A família é acusada de não cumprir com seu papel de cuidar da criança e acompanhar seus estudos e a escola de não cumprir com seu papel de educar e oferecer a estrutura adequada de aprendizagem. Este processo inquisitório e de acusação impede que o diálogo da construção conjunta e da parceria se forme. Até porque a parceria exige que os atores acreditem na capacidade de ação do outro. E este é o primeiro passo para uma mudança de posturas: acreditar no outro.

Durante as conversas foi possível perceber que a maioria das famílias tem as melhores expectativas para os seus filhos, mas muitas vezes não sabem como apoiar a escola nesse sentido. Por outro lado, gestores das secretarias e escolas afirmam que sentem uma grande dificuldade na interlocução com as famílias em especial por considerarem que suas falas não são escutadas. Percebe-se, assim, que faltam estratégias que facilitem a comunicação entre ambos. Uma comunicação que garanta fala e escuta e que foque na construção de entendimentos.



Tínhamos que fazer com que um olhasse para o outro com um olhar de entendimento, sem aqueles pré-julgamentos (...). Que a família tivesse entendimento de qual é o papel da escola e a escola também pudesse estar mais atenta à família, valorizar e conseguir chegar até ela, porque o distanciamento é grande, a escola tem um discurso que não chega até aquela família.
(Gestora da Secretaria Municipal de Santos)

Mudar a forma de comunicação significa mudar também as intencionalidades da comunicação. Ao invés de uma comunicação voltada para imposição de desejos, uma comunicação voltada para entendimentos a partir da escuta mais cuidadosa da fala do outro. Uma escuta voltada para compreender o contexto do outro, suas percepções, necessidades, desejos e, em especial, suas potencialidades.

Neste ponto é fundamental mobilizar toda equipe da escola para o tema do diálogo e atendimento de familiares. Desde o porteiro, passando pela equipe da secretaria e serviços gerais até o corpo de professores e direção. Todos de uma forma ou de outra estabelecem algum tipo de comunicação com familiares e é importante que o alinhamento para uma comunicação mais acolhedora e voltada para o entendimento seja com todos.

Então enquanto a escola culpava os pais, dizendo que os pais não se importavam, a nossa hipótese era de que se esses pais fossem chamados, como parceiros, para serem alertados do problema e pensarem junto com a escola, que teria uma adesão enorme da parte deles(...) E aí, poder apoiar a escola, não entendendo como ajudar no dever de casa, mas dentro do seu papel de família (...) E isso se confirmou em todos os lugares onde nós atuamos. Realmente, essa demanda dos pais, essa confiança na escola, esse valor dado ao papel da escola realmente se confirmou. E essa abertura para receber orientação, para receber apoio, no sentido de apoiar o desenvolvimento dos seus filhos ou netos, enfim, crianças e adolescentes sobre seus cuidados.
(Patrícia Mota Guedes, Fundação Itaú Social)

Sugestão de Atividade:

Estabelecer uma rotina de comunicação positiva com as famílias

Mudar a lógica de comunicação e aproximação com as famílias pode ser um caminho importante para criação de entendimentos e de uma relação com menos acusações.

Uma boa sugestão é a realização de encontros que antecedam o bimestre elegendo alguns destaques do que será trabalhado pedagogicamente no período. É uma oportunidade dos familiares conhecerem mais o que será trabalhado e sua importância, bem como refletir sobre como podem auxiliar, por exemplo fazendo em casa experiências, simples e divertidas, que contribuam para o entendimento de conteúdos a serem trabalhados por algumas disciplinas.

Outra sugestão é criar o Bate-Papo com Professores, onde em uma roda de conversa, o professor dialogue sobre um tema de sua disciplina que seja do interesse das famílias. Um exemplo é o professor de química falar sobre cuidado no uso de produtos químicos em casa junto a plantas, animais e crianças.

Contribuindo ainda para uma comunicação positiva uma sugestão é fornecer para as famílias um número de whatsapp ou criar um canal via facebook para envio de mensagens privadas para agendamento de reuniões.

Com essas ações os familiares começam a perceber uma proposta mais interativa da escola que abre canais para uma melhor comunicação e interação.

4. Mas o que significa participar ?

*Eu acho que se fala muito, é muito bonito de se ouvir que a família tem que participar. Mas, dificilmente a gente vê atos concretos acontecendo.
(Familiar de uma escola em Goiás)*

Está na lei, nos livros, nas falas de gestores e educadores: a participação da família na escola é direito e todos a consideram fundamental para uma educação de qualidade. Mas, o que acontece na prática das escolas e secretarias de educação? Há participação das famílias nas escolas?

Nas conversas com as famílias fica evidente que valorizam a presença e participação na escola. No entanto, deixam claro que para isso há um grande esforço realizado, principalmente pela falta de tempo devido às jornadas de trabalho. Há também um consenso de que um grande número de famílias não participa, especialmente aquelas em situação de maior vulnerabilidade. Além de apontarem a dificuldade de disponibilidade devido aos horários de atendimento (geralmente em horário comercial) e a pouca divulgação das reuniões ou ações realizadas pelas escolas, os familiares reconhecem que há desinteresse por parte de muitas famílias em participarem das atividades da escola.

*Todos sabem do papel da família na educação, o quanto as famílias poderiam contribuir, o quanto as escolas perdem por não abrirem espaços de participação. O que a gente vê nas escolas são os professores e diretores reclamarem que os pais não participam, e por outro lado, os pais reclamando também que quando eles tentam participar não conseguem.
(Gestora da Secretaria Municipal de Educação de Santos)*

A Reflexão sobre o desinteresse das famílias em participar das atividades da escola está diretamente relacionada à concepção de participação que hoje está presente na comunidade escolar. A maior parte dos familiares presentes nos encontros de integração família escola promovidos pelo programa Coordenadores de Pais e pelo trabalho de assessoria entende participação como presença nas reuniões, eventos e conversas com as equipes das escolas quando são convocados, principalmente por indisciplina dos alunos. Esta visão limitada de participação é compartilhada por muitos profissionais das escolas fortalecendo uma concepção passiva de participação da família marcada pela visão do estudante problema. Dentro deste contexto e considerando que muitas famílias pobres não se sentem em condições de apoiar seus filhos no desenvolvimento escolar, esta visão acaba sendo excludente, desestimulando a ida de parte das famílias à escola.

*Eu acho que para esse projeto dar certo tinha que acabar essa impressão que a gente tem: o telefone tocou da escola a gente pensa vai falar mal do nosso filho (...). Então eu acho que para dar certo, para funcionar, para ter mais pais, tem que acabar com essa impressão. Assim, a escola está ligando para eu ir lá dar uma ideia, para eu ouvir uma ideia, e não para falar dos filhos.
(Familiar de uma escola em Goiás)*

O relato de que a família só é chamada à escola quando o aluno tem problemas foi recorrente tanto entre os gestores das secretarias de educação quanto das escolas. Nas conversas com as famílias o discurso parece normatizar essa ideia de que a família é convidada para tratar de problemas ou para reuniões de pais e algumas festas do calendário escolar.

*A família só vai para a escola em reuniões e chegando na escola só ouve reclamações. Não encontra na escola aquele lugar fértil para que possa discutir ideias, para que possa ter um acolhimento como deveria ser, para que entenda também que ela é coparticipie na formação do aluno.
(Gestora da Secretaria Municipal de Santos)*



A concepção de gestão democrática traz uma nova perspectiva para a participação da família na escola. Ela amplia o conceito trazendo tanto para as famílias quanto para os próprios estudantes um papel ativo nas decisões e ações escolares. Presente na Constituição Federal de 1988, a gestão democrática é um dos princípios relacionados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e no Plano Nacional da Educação (meta 19) para a educação pública brasileira.

*“A gestão democrática pressupõe a participação efetiva dos vários segmentos da comunidade escolar – pais, professores, estudantes e funcionários – em todos os aspectos da organização da escola. Esta participação incide diretamente nas mais diferentes etapas da gestão escolar (planejamento, implementação e avaliação) seja no que diz respeito à construção do projeto e processos pedagógicos quanto às questões de natureza burocrática.”
(CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2017).*

A concepção da gestão democrática presente no Plano Nacional de Educação propõe uma grande mudança nas relações que a escola estabelece com familiares e com a comunidade. A relação utilitarista e moralizante em relação às famílias deve ser substituída por uma relação de parceria, troca e construção conjunta. Isto significa:

- *Convidar familiares para planejar ações de forma conjunta. Tanto festivas quanto de caráter pedagógico onde a participação e contribuição de familiares possa ser significativa;*
- *Partilhar com familiares principais diretrizes do Projeto Político Pedagógico além de como será o processo de avaliação dos estudantes. Ouvir a opinião dos familiares e considerar suas falas e percepções para revisão;*
- *Criar o Conselho Escolar com a participação efetiva dos familiares e prestar contas de como os recursos destinados para escola foram utilizados, em especial o destinado para merenda escolar;*

Temos pensando muito sobre isso, o papel da família na educação, o quanto as famílias poderiam contribuir, o quanto as escolas perdem por não abrirem espaços de participação. Uma coisa é você ter uma reunião de pais, outra coisa é ter os pais atuantes nos conselhos, a LDB garantiu isso, uma gestão democrática e participação nos conselhos de escola, mas ao mesmo tempo muitas escolas não divulgavam, não incentivavam a participação dos pais. (Gestora Secretaria Municipal de Santos)



Dessa forma, a participação da família ocorre de forma efetiva num contexto de gestão democrática, onde há uma integração com o território e as famílias se sentem reconhecidas e parte do projeto educativo, sendo ativas no processo de gestão e nas decisões da escola.

Como abrir a escola para a participação efetiva das famílias?

O mais importante é permitir que a família entenda que a escola é dela, passar essas noções de pertencimento também. (Coordenadora de Pais do Espírito Santo)

Um primeiro passo determinante para o desenho de uma estratégia de aproximação e interação da escola com as famílias é criar um movimento de escuta da família. Por que ela não vem à escola? O que dificulta sua participação em reuniões e eventos? O que ela acha da escola? Como ela avalia a forma como foi recebida na escola e como suas questões e dúvidas foram tratadas? Considerando a diversidade e as diferentes realidades das escolas, esta escuta é fundamental para desmistificar a relação da família com a escola e desenvolver uma estratégia de diálogo onde famílias e equipes escolares construam juntas alternativas de aproximação e participação.



Nós geralmente fazemos reuniões às sete horas da noite. É o tempo do pai chegar, tomar um banho e vir para a escola. Aquelas reuniões que nós fazíamos mais cedo, nós não tínhamos um número considerável. Então a gente também tem que pensar nesse pai que trabalha, nessa mãe que trabalha, e tem que pensar na novela. Após uma pesquisa que fizemos com os pais, a gente identificou que foi isso.
(Diretora de uma escola em Sorriso)

Este movimento de escuta não pode ser reativo. É necessário uma escuta aberta a críticas e, mesmo que sejam infundadas, tentar entender porque se cristalizou um determinado pensamento negativo sobre a escola. O que levou aquele familiar a pensar daquela maneira se a razão apresentada para a crítica não existe? A escuta deve ser base para a construção do diálogo e entendimento.



De olho nas boas práticas

“Nossa grande dificuldade era fazer com que os pais de fato viessem para a escola, pois geralmente são muito ausentes, é só a mãe que vem. Então o que gente fez? Nós adaptamos o projeto de educação física que acontece aos sábados na escola e fizemos um torneio trazendo os pais, somente o homem. Aí pode vir o avô, pode padrasto e o próprio pai. Deu muito certo! A figura paterna na escola faz bastante falta.” (Diretora de uma escola em Sorriso)

A partir dessa escuta, é fundamental identificar o que cria ruído na comunicação entre escola e famílias. Muitas vezes o ruído é fruto de um telefone sem fio considerando que são múltiplos os atores que estabelecem interlocução com a família sobre um mesmo assunto mas sem, necessariamente, estarem alinhados. Direção de escolas, coordenações pedagógicas, professores, equipe de apoio e até mesmo os próprios estudantes e outros familiares fazem parte desta rede de comunicação. O risco de ruídos e mal entendidos é sempre grande.

Outro passo importante é mapear todos os espaços de participação da família existentes na escola e avaliar com a equipe o quanto estes espaços propiciam uma participação mais ativa ou apenas figurativa ou utilitarista. Muitas vezes não é necessário criar novas ações. Basta apenas rever alguns procedimentos e formatos de maneira que os espaços existentes se tornem espaços acolhedores que propiciem a ação colaborativa entre familiares, estudantes e profissionais das escolas.

Sugestão de Atividade:

Participação no projeto político pedagógico

No documento mais importante da escola, já devem estar previstas as possíveis contribuições das famílias. Exemplos: pais, mães e avós podem ser convidados para falar durante o desenvolvimento de diversas atividades. Dessa forma, a escola valoriza os conhecimentos da comunidade e fortalece o vínculo com ela.

Possíveis ações que podem ser apresentadas:

Promover um levantamento com familiares e estudantes com sugestões para aprimorar a ação educativa da escola que possam ser incorporadas ao PPP, considerando diferentes formas de escuta para garantir a participação de familiares com dificuldades de escrita;

Organizar uma apresentação do que significa o PPP para familiares e apresentar as principais diretrizes do Plano construído, colhendo sugestões para revisão;

Incluir no projeto político pedagógico, ações de fortalecimento da participação da família na escola, como a participação de familiares em algumas aulas como, por exemplo, um familiar eletricitista que participa com uma demonstração prática em uma aula de ciências ou física; ou alguém que trabalha em hospitais e pode contribuir em uma aula de cuidados de higiene e limpeza no combate a vírus e bactérias.

5. A família na escola e no território: Construindo laços locais

Quando a gente fala das localidades mais vulneráveis, onde a população dessas comunidades geralmente é a que menos teve acesso à educação formal, a escola e o posto de saúde são as principais instituições públicas ali dentro da comunidade. (Priscila Dias Leite, Fundação Itaú Social)

A gente vê muitos alunos com problemas e a gente só enxerga o que está explícito. E o que está por trás desse problema? Então essas ações podem ajudar não só a escola chegar mais perto da família, a família chegar mais perto da escola. Mas ela pode chegar até o início do problema, para que o problema não chegue tão forte dentro da escola. (Familiar de uma escola em Goiás)

Compreender este movimento de ida da escola até a família implica em reconhecer que a escola deve olhar e ir para além dos seus muros. Uma relação de integração que é com a família, mas que também é com a comunidade. Um dos principais resultados atingidos pelas experiências do Programa Coordenadores de Pais e, posteriormente, pela ação de assessoria implementada foi o fortalecimento das relações e parcerias da escola com outros atores da comunidade, em especial postos de saúde, unidades dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) e Organizações Sociais.



De olho nas boas práticas

“Temos um ambiente que é ermo na escola e queremos dar mais vida a esse ambiente, onde houve uma pichação. Estamos fazendo um trabalho para que a comunidade venha participar junto com a gente da pintura e revitalização dessa área. Então é assim, a gente cria essas oportunidades de estabelecimento de vínculo, de aproximação, de estreitamento de laços.” (Diretor de uma escola no Espírito Santo)

Dentro da concepção de territórios educativos, a ação articulada e integrada entre diferentes atores de um mesmo território e que possuem interfaces com o mesmo tipo de público, potencializa resultados e otimiza recursos. Para a escola, a parceria com os Agentes Comunitários de Saúde e os profissionais do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos lotados no CRAS é estratégica para busca ativa de crianças e adolescentes fora da escola e para potencializar o trabalho social com famílias. Também na comunidade podem estar presentes organizações sociais que atuam em temáticas importantes para somar esforços na integração com as famílias e com os estudantes.

Uma conversa com famílias pode gerar muitas demandas. Você pode atender um aluno que está com o bolsa família suspenso, o pai está desempregado, ele tem problema de saúde, ele não tem uniforme, não tem cartão de passagem, ou seja, para um atendimento você tem cinco demandas e precisamos ajudar a tentar resolver todas as necessidades que surgem, pois eles não têm a quem recorrer.
(Coordenadora de Pais do Espírito Santo)

Por estar diariamente com os alunos, a equipe de profissionais da escola tem contato com as mais diversas e complexas situações. Muitas vezes questões relacionadas às dificuldades de aprendizagem e sociabilidade dos alunos têm origem em problemas de diferentes ordens (econômica, social, saúde física, emocional, etc.). Quando a escola possui articulação com os serviços da rede de proteção social existentes no território é possível facilitar e agilizar encaminhamentos contribuindo para reduzir impactos do problema na frequência e rendimento do estudante. Além disso, melhora a relação da escola com a família que passa a ser vista como parceira do desenvolvimento da criança junto com a família.

Muitas vezes a gente tem que contar com a ajuda de equipamentos como conselho tutelar e vários outros no entorno, CRAS, CREAS, porque são famílias que precisam de atenção.
(Coordenadora de Pais de Santos)

Mapeamento dos potenciais educativos e construção de parcerias

Conhecer bem a vizinhança da escola e mapear os potenciais parceiros é um primeiro passo para mobilizar uma rede intersetorial, incluindo instituições de saúde, cultura, lazer, assistência social e comércio do entorno. Sendo a instituição que tem contato diário com as crianças e adolescentes de uma determinada região, a escola tem condições de conhecer as demandas das famílias e a partir daí mapear os potenciais educativos do território – que podem ser desde postos de saúde e Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), até clubes, centros culturais, igrejas, praças ou mesmo indivíduos: artesão, cozinheiros, etc. - estabelecendo parcerias em prol dos estudantes e suas famílias.

Para desenvolver este mapeamento no território não é necessário um processo complexo, estruturado metodologicamente. A identificação pode seguir uma lógica de rede. Isto é, na visita a um primeiro parceiro já se verifica se ele possui outros contatos na comunidade. O próprio representante da Secretaria de Educação no Conselho Municipal de Direitos ou o Conselho Tutelar que atende a região da escola pode ajudar a identificar quais são as organizações sociais que atuam com crianças e jovens existentes no território ou que desenvolvem algum trabalho social com famílias. Além disso, os próprios estudantes e familiares que moram no bairro podem informar instituições que eles conhecem. As visitas podem ser feitas aos poucos



e dentro do possível na agenda escolar. O importante é que a visita seja um importante momento para a escola conhecer o tipo de trabalho que a organização faz além de apresentar os próprios projetos e ações que a escola implementa. Já nestas primeiras visitas, certamente a escola identificará oportunidades de parcerias que tanto podem ser profissionais para palestras quanto oportunidades de inclusão de jovens e familiares em outras ações educativas e sociais.

O mapeamento foi bom porque às vezes chega uma família lá na escola e a gente fala, mas você não sabe que existe isso aqui no nosso bairro que você pode estar usufruindo? Que você pode fazer esse curso? Atividade física? Para a criança não ficar na rua. Então dá para ajudar a comunidade encaminhando e mostrando que tem muita coisa no bairro que eles podem estar usufruindo.
(Coordenadora de Pais de Santos)

Na experiência do Programa Coordenadores de Pais, há vários relatos de escolas que, após realizarem os mapeamentos de seus territórios, passaram a contar com uma grande variedade de parceiros locais para as mais diversas ações. As novas relações estabelecidas aproximaram as famílias da escola. Ao reconhecer seus pares da comunidade dentro do espaço escolar, as famílias sentem mais intimidade e identificação com a escola.

Uma coisa que eu observei muito é a forma como você expõe e palavra parceria. Eu mudei um pouco o jeito de eu falar com a minha comunidade nesse sentido porque nos eventos da escola quando você pede uma ajuda e diz que é para contribuir para a escola do filho dele, e diz que ele é parceiro da escola isso ajuda, ele já passa a pensar diferente, porque a palavra parceiro acrescenta no conteúdo do humano. Eu não estou doando, estou sendo parceiro de algo para acrescentar na vida de alguém. A palavra parceiro enriquece!
(Coordenadora de Pais de Santos)

A seguir, estão alguns relatos que demonstram o valor que as parcerias podem trazer para potencializar ações da escola ou melhorar a ambiência escolar.

Parceria com o Comércio

“Minha escola fica no centro de Santos, então é muito comércio, são muitas lojas. Eu procuro dizer para o comerciante que ele é um educador, eu apelo para esse lado, que ele ao ser parceiro da escola está contribuindo para a educação da cidade. Para o comerciante isso é muito bom e quando ele tem a consciência da educação como um todo, que todo mundo é educador, ele ali no entorno também, que se educa aquela criança na hora que sai da escola, que está brincando na rua.” (Coordenadora de Pais de Santos)

“Dentro de uma comunidade como a minha a gente já conhecia o entorno e o comércio, por ser moradora, e tinha abertura para fazer algum pedido. Eles ajudam quando precisa, para um evento escolar, uma festa, são muito participativos e os de grande porte você leva um ofício, envia um convite junto para que ele possa estar presente no evento ao qual você está solicitando a parceria. Algumas vezes eu estendo os meus braços para fora do meu território. Tem uma receptividade muito grande!” (Coordenadora de pais de Santos)

“Em uma escola, o projeto Africanidade, realizado em comemoração ao dia da consciência negra, fez uma parceria com um salão de beleza local e realizaram o Dia da Beleza, que ofereceu penteados inspirados na cultura afro e maquiagem para alunos, tendo como culminância um desfile, que valorizou a cultura afrodescendente e trabalhou a auto estima dos alunos.” (Gestora Secretaria Municipal de Educação de Santos)

“ Fizemos vínculos, inúmeros vínculos, até mesmo com a feira, quando a gente fazia um evento, uma atividade final de semana, como não era permitido fazer uso da cozinha da escola que é terceirizada, se fazia um trabalho de mobilização com os feirantes para que houvesse doações para que a gente pudesse acolher as famílias.” (Diretor de uma escola no Espírito Santo)

Parceria com os Próprios Familiares

“Às vezes a gente não precisa nem sair da escola para conseguir uma parceria, porque a gente consegue com eles mesmo ali dentro. Então, assim, na nossa escola mesmo, por exemplo, a gente fez todo um piso com a ajuda dos pais, a gente construiu coisas com a ajuda dos pais.” (Gestora de uma escola em Sorriso)

“A Kenia, por exemplo, que é profissional da beleza lá no bairro, então ela tem contato com muitas mães ali. A Edinalva faz trabalho social no bairro dela. Então a gente tem que usar esse empoderamento para trazer esses pais que não vão à escola. A partir do momento que você começa a mostrar essa possibilidade de fazer algo na escola, e que aquilo é uma ação agradável e que aquilo vai gerar muitos benefícios na comunidade escolar, eu penso que é a partir daí que nós vamos começar a ver e a trilhar um caminho interessante.” (Familiar de um escola em Goiás)

Parceria Com Rede Sócio Assistencial e de Saúde Local

“Quando você recebe uma mãe com o filho doente e tem uma parceria na unidade de saúde, você pode encaminhá-lo para uma consulta. Você passa a ter nessa mãe um parceiro para a vida toda. Então a escola precisa buscar essas parcerias.” (Coordenadora de Pais do Espírito Santo)

“A gente faz a reunião de rede dentro da escola. Nós buscamos todos os braços. A orientadora faz o convite para a reunião e a gestora participa. Os representantes da nossa rede da prefeitura participam dessa reunião para encaminhar a solução daquele problema, a Saúde também está envolvida. Nessa reunião de rede todos debatem juntos a solução e que caminho seguir.” (Coordenadora de Pais de Santos)

Parceria com Organizações e Associações Locais e Lideranças Comunitárias

“Com a rádio comunitária, sempre quando tinha festa, reunião de pais, algum evento, alguma coisa na escola, eu ia lá levava ofício, eles estavam dispostos a ajudar. Com os comércios também, eles sempre ajudavam, doavam pão para o dia da família na escola, brindes para sorteio, eles deixavam colar cartazes para informar os pais. Então os pais chegavam à noite e já sabiam da informação vendo nos lugares, nos pontos de ônibus, loja e comércio. Então era uma forma dos pais estarem cientes.” (Coordenadora de Pais do Espírito Santo)

“Você não tem como desvincular o conhecimento científico dos valores. A gente precisa trabalhar os valores, eu acredito que o projeto trouxe para nós justamente isso, a questão de incentivar, de trabalhar junto do grupo, junto da família, os valores. E nisso a gente trouxe todo um grupo de professores do mais resistente ao mais fácil, até o grupo de zeladores, de cozinheiras, todo mundo se ajuda. E aí a gente foi para onde? Nós abrimos para comunidade. A gente foi buscar parceiros da comunidade para nos ajudar. Nós temos muitas lideranças dentro do bairro, desde mães a pastor da igreja. Então a gente buscou essas questões para eles poderem trazer essas famílias para a escola. É um trabalho a médio e longo prazo, mas eu acredito que abriu portas para isso se tornar uma cultura dentro do espaço.” (Diretora de uma escola em Sorriso)

Fortalecendo laços comunitários e o sentimento de pertencimento com o território

O principal aprendizado é confirmar o potencial que a gente tem como sociedade de se mobilizar, de entender o que é um direito, que é a educação de qualidade. É o potencial que você tem de envolver as pessoas, mesmo aquelas que em teoria não são especialistas no tema, mas que têm muita importância. É o que as pesquisas dizem, a família tem muito poder de influenciar positivamente nessa trajetória de sucesso na educação e não só nessa educação conteudista, mas no funcionamento da escola, daquilo ser um patrimônio da comunidade.
(Priscila Dias Leite, Fundação Itaú Social)

Quando as famílias possuem seu sentimento de pertencimento fortalecido em relação à comunidade há um natural engajamento delas na valorização das instituições e das relações locais, incluindo a própria relação com a escola. Quando a escola conhece o território em que está localizada e estabelece vínculos com a comunidade do entorno, cria-se a oportunidade da escola se tornar um espaço de fortalecimento de laços comunitários. Ao agir dessa forma, a escola passa a ser considerada, valorizada e protegida por atores locais e, conseqüentemente, pelas próprias famílias e estudantes contribuindo para reduzir conflitos locais como, por exemplo a depredação do patrimônio público da escola ou invasões e furtos.

As soluções na verdade estão no nosso próprio meio de convivência. Então não adianta a gente buscar uma resposta fora do nosso contexto porque é no meio dos nossos agentes mesmo que a gente vai conseguir essas respostas. Precisamos de um tempo previsto para se debruçar sobre essas problemáticas e discutir soluções, possibilidades.
(Gestora da Secretaria de Educação do Estado de Goiás)

Ao se integrar com a comunidade, a escola também cumpre uma função essencial que é educar para a vida em sociedade, partindo justamente dos bairros onde os alunos vivem, de sua cultura local. Valores, atitudes, sentimentos necessários para uma educação cidadã não são ensinados unicamente através dos conteúdos curriculares, mas, principalmente, na vivência das relações interpessoais entre escola e comunidade (SZYMANSKI, 2007). Sendo a educação uma forma de intervenção no mundo, como coloca Freire (1996) não há como ensinar, como formar, sem estar aberto ao contorno geográfico e social dos educandos.

Nós adaptamos, melhoramos os projetos que nós já tínhamos, porque a escola é tudo no bairro, ela é área de lazer da comunidade. Ali só tem aquela quadra. O saguão da escola a gente abriu para dois projetos, tem um projeto de capoeira que acontece três vezes por semana à noite e os pais vem (...) E abrimos também aos sábados o projeto de caratê, que é um professor da própria comunidade, ele é voluntário, e com isso faz com que as famílias procurem. Nós não temos muitos parceiros de fora pela distância. Parceiro é o pastor da igreja, o posto de saúde que ajuda bastante também.
(Diretora de uma escola municipal de Sorriso - MT)

Relato de uma Diretora em uma escola estadual do Espírito Santo

“A aluna ficava no recreio sentada de blusa de frio, mesmo no calor, em um cantinho com um fone de ouvido. Um dia a Coordenadora de Pais a chamou para conversar. Foi sondando e descobriu que ela estava se mutilando, se cortando. Ela morava com a avó. Ligamos para conversar sobre a situação e apontar a necessidade da jovem ser atendida no posto de saúde, mas a avó, com problemas de saúde, não conseguia andar.

A escola então marcou a consulta no posto, mas a avó não acompanhou a estudante. Então fomos fazer uma visita a casa delas. Chegando lá entendemos a história. A avó realmente era uma senhora sem condições de ficar acompanhando a menina. E aí a gente foi descobrir o que causava aqueles cortes da aluna. Ela tinha sido abusada dos 6 aos 11 anos pelo tio-avô na casa da mãe, que era alcóolatra. Então nós conseguimos um atendimento para ela em um programa de apoio às vítimas de violência sexual. Ela iniciou o tratamento e conseguiu terminar todo ensino médio. Muito estudiosa e dedicada, passou no primeiro vestibular para a Universidade Federal, em Enfermagem. É uma aluna que, se não tivesse o olhar da escola logo no primeiro ano do ensino médio, poderia ter se tornado mais um número dos evadidos da escola.”

Sugestão de Atividade:

Visitar as famílias dos alunos em casa

Sair da escola para conhecer o bairro, a residência e os pais dos estudantes pode ser uma experiência e tanto para gestores e docentes. Com essa prática, podem conhecer a realidade das famílias, o contexto onde estão inseridas além de fatores que motivam determinados comportamentos ou dificuldades em sala de aula.

Para que uma iniciativa assim dê certo, é preciso organizar um calendário de visitas, identificar as famílias prioritárias e verificar quais membros da equipe possuem disponibilidade para a visita. Importante também orientar quem for fazer a visita para evitar comentários, atitudes e gestos que tragam constrangimento, vergonha ou intimidação da família. A visita deve ser um ato descontraído de aproximação prazerosa e nunca de tom inquisidor ou fiscalizador.

6. Formação humanizadora e participativa

Eu acredito que todas nós não somos mais as mesmas. Por mais que a gente tenha demandas do nosso setor, eu vejo muito no grupo a gente deixando as nossas demandas para um movimento no encontro desse outro. Então eu vejo que as escolas, não é que nós não fossemos, mas a gente se tornou mais humanizada. Essa humanização eu vejo na fala de cada uma de nós. Então nós não somos também mais as mesmas e a nossa ação está repaginada também.
(Diretora de escola em Santos)

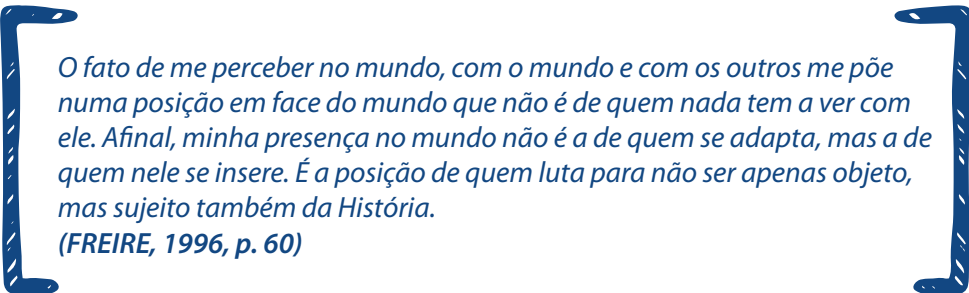
Estabelecer uma nova relação entre escolas e famílias pressupõe uma mudança de posturas e atitudes dos profissionais das escolas que aulas expositivas, palestras e leituras acadêmicas por si só não são suficientes. A vivência de uma formação humanizadora e mais participativa propicia que o processo de formação continuada seja um campo rico de reflexão da prática onde as concepções teóricas deixam de ser meros conteúdos a serem decorados e citados para se constituírem em referências de construção de caminhos que efetivamente dialoguem com as reais necessidades tanto de educandos quanto de educadores.



De olho nas boas práticas

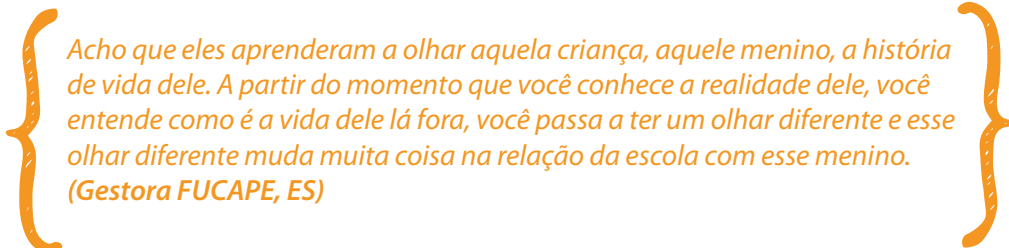
“Com a formação surgiu a vontade de fazer alguma coisa com as famílias e um dia as crianças estavam brincando e um menininho não brincava de carrinho. Eu conversei com ele, daí ele falou que o pai dele nunca brincou com ele. Aí eu pensei em chamar esses pais para brincadeiras na escola, para depois eles desenvolverem em casa com os filhos.”
(Diretora de uma escola em Sorriso)

Para Freire (1996), uma educação humanizadora se dá através da junção dos saberes curriculares formais com os trazidos pelos alunos, que inclui suas famílias e comunidade e se fundamenta no diálogo e na participação. Nesse contexto, se preocupa em refletir o quanto as necessidades humanas estão sendo consideradas em meio aos conteúdos curriculares e práticas escolares. Segundo Freire (1996) a formação dos professores deveria juntar o saber teórico sobre o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos ao “saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores trabalham” (p.155).



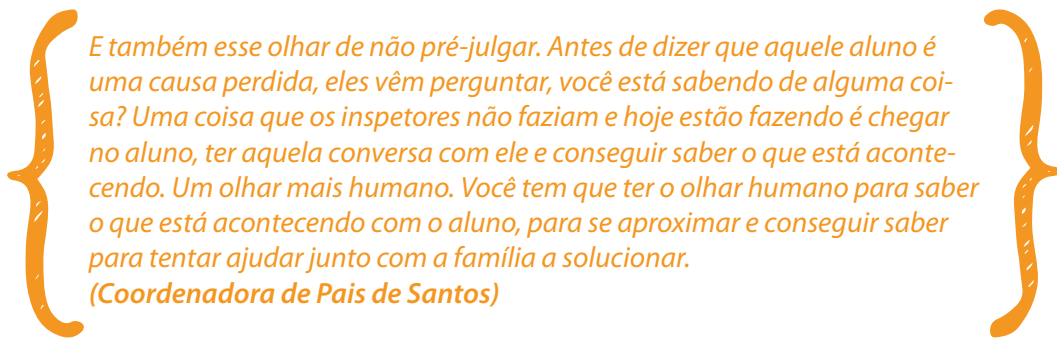
O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História.
(FREIRE, 1996, p. 60)

Para estreitar laços entre famílias e escolas, esta perspectiva humanizadora deve estar presente nas atitudes dos profissionais das escolas. Para tal, deve estar presente nos seus processos de formação. A experiência formativa vivenciada pelo Programa Coordenadores de Pais e pelo processo de Assessoria na parceria com as Secretarias de Educação demonstrou o quanto trazer esta perspectiva humanizadora para dentro da formação foi determinante para que novas relações fossem construídas.



Acho que eles aprenderam a olhar aquela criança, aquele menino, a história de vida dele. A partir do momento que você conhece a realidade dele, você entende como é a vida dele lá fora, você passa a ter um olhar diferente e esse olhar diferente muda muita coisa na relação da escola com esse menino.
(Gestora FUCAPE, ES)

A experiência demonstrou que esse percurso de abertura à realidade dos alunos foi gerando novas formas de se relacionar dentro da escola. A partir de uma formação que olhasse com mais cuidado para as dimensões humanas de educadores e educandos, mais reflexiva sobre a realidade e mais participativa no sentido de ter espaços para construções coletivas de caminhos, foi possível estimular uma maior aproximação entre escolas e estudantes.



E também esse olhar de não pré-julgar. Antes de dizer que aquele aluno é uma causa perdida, eles vêm perguntar, você está sabendo de alguma coisa? Uma coisa que os inspetores não faziam e hoje estão fazendo é chegar no aluno, ter aquela conversa com ele e conseguir saber o que está acontecendo. Um olhar mais humano. Você tem que ter o olhar humano para saber o que está acontecendo com o aluno, para se aproximar e conseguir saber para tentar ajudar junto com a família a solucionar.
(Coordenadora de Pais de Santos)



A formação humanizadora pressupõe esse reconhecimento. Educadores e estudantes são humanos, geridos não apenas por regras mas por sentimentos, valores e sentidos construídos por sua história cultural. Aspectos que interferem na forma como compreendo e entendo uma determinada fala, como vejo um determinado posicionamento, como aceito ou não determinada mensagem ou conteúdo como referencial para a minha vida ou não. É um processo rico não apenas para a construção de diferentes relações entre educadores e estudantes mas entre educadores consigo mesmos.

Eu levo muita coisa do que eu aprendi no projeto Coordenadores de Pais para a minha vida pessoal, para o trato com as pessoas, porque tem esse cuidado de fortalecer a gente. (Superintendente da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo)

A aprendizagem, neste contexto, evidencia os aspectos do cotidiano que cristalizam as ações, padronizam atitudes e perpetuam visões acerca do outro. Um outro que está revestido da construção pré concebida “do aluno” ou “da família”, de forma que é fundamental mobilizar processos onde os sujeitos que se encontrem no centro do processo formativo possam olhar para si mesmos e perceberem suas pré-concepções.

O Coordenador de Pais colhia as informações junto à família e levava ao professor, dizendo olha fulano está disperso, às vezes dormindo na sala de aula, porque na casa dele a situação é essa. Quando ele levava essa informação para o professor era como ele abrisse os olhos para que ele cooperasse e tivesse mais paciência e isso melhorou muito as relações do professor com os alunos, melhorou o clima escolar, o clima da sala de aula. (Gestora Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo)

Sugestão de Atividade:

Utilizar os momentos de formação continuada para fomento de um olhar humanizado sobre as histórias de vida dos estudantes

Incorporar nos momentos de formação continuada das equipes momentos de partilha de histórias de vida dos alunos e como estas histórias impactam na dinâmica escolar.

Para tal pode-se utilizar de alguns vídeos que tragam algumas vivências de escolas como o Documentário Nunca Me Sonharam

<https://www.youtube.com/watch?v=JcwPv4LMVhw>

Além do vídeo, os profissionais podem ser divididos em grupos para identificar contextos situações vividas pelos estudantes em suas vidas que impactam na sua vida escolar. Estas situações podem ser apresentadas com esquetes de teatro, pintura ou música.

A partir das apresentações os profissionais podem partilhar experiências bem sucedidas que ajudaram estudantes a superarem estas diversidades garantindo sua permanência na escola ou melhora no desempenho escolar

Amorosidade e acolhimento

O sujeito é a base da educação humanizadora. A construção de aprendizados de fato significativos envolve a criação de vínculos afetivos entre as pessoas, compreensão e reciprocidade. Na busca pela superação da mera transmissão mecânica de conhecimentos, a formação humanizadora valoriza as experiências humanas e traz o sujeito enquanto protagonista na construção das aprendizagens, em um processo coletivo, dialógico e significativo. Esse processo pressupõe a construção de relações afetivas entre os envolvidos, se distanciando de um conceito vazio de educação onde as informações são apenas repassadas e treinadas.

Eu acho que o grande objetivo de uma formação seria o fortalecimento mesmo das equipes para fazer essa acolhida. Só que também, passada essa experiência, eu entendo que isso é uma forma de repensar a própria concepção de educação da rede, a concepção de educação que as escolas também têm, porque se eu desejo uma escola em que o aluno se desenvolva com autonomia, eu também vou ter como objetivo que a família tenha autonomia para me procurar, para conversar.

(Gestora Secretaria Municipal de Educação de Sorriso)

Diferente de um contexto piegas que traga para educação um papel equivocado na atenção com estudantes e familiares, a amorosidade se traduz no respeito e na escuta empática para a realidade do outro. Um contexto que evite a brutalização das relações e onde a ambiência da aprendizagem cative a presença interessada de estudantes, familiares e os próprios profissionais da escola.

*Um abraço na entrada e um bom dia, que ele não tem em casa. Muitas vezes a maneira do aluno chamar a atenção na escola é da forma errada, ele faz porque está pedindo ajuda e a escola não entende que é isso que ele está querendo, ajuda! E nós aprendemos a olhar dessa forma.
(Coordenadora de Pais do Espírito Santo)*



O acolhimento vai além do primeiro momento de recepção do familiar na escola. Envolve a forma de atendê-lo no telefone, a forma de recebê-lo na escola quando espontaneamente o familiar chega para tirar uma dúvida ou saber como anda seu filho ou quando a escola o convida para uma conversa ou participar de uma atividade. É um processo que perpassa todos os espaços da escola e todos os profissionais.

*Vejo que depende de quem recebe os pais e como recebe. Então o grupo precisa estar preparado. Quando eu falo que a gente tem que incluir a zeladoria, que é aqueles que ficam ali no portão, não pode ser só quem está lá dentro, tem que todo mundo falar a mesma língua.
(Gestora, escola em Sorriso)*

Alguns elementos importantes deste acolhimento são:

- *Usar um tom de voz que demonstre interesse pelo outro. Muitas vezes é utilizado um tom de voz de acusação. Apesar das palavras ditas serem outras, o familiar sente pelo tom de voz de que ele está sendo acusado de desleixo ou sendo ironizado ou infantilizado;*
- *Não utilizar apelidos ou palavras que denotem algum tipo de preconceito. São palavras que podem tanto se referir à criança quanto à própria família ou ao contexto em que ela vive. São palavras que podem ofender e não ajudam na construção de um entendimento, como por exemplo dizer que o aluno não quer nada;*
- *Evitar Atitudes que gerem desconforto ou que façam o familiar se sentir inferior. Atitudes como, por exemplo, deixar o familiar esperando por muito tempo; iniciar uma conversa sem perguntar o nome do familiar ou perguntar como ele está. Iniciar a conversa dizendo que tem pouco tempo. Se referir as vestimentas do familiar como inadequadas.*
- *Demonstrar interesse e ser gentil na conversa. Gentileza gera gentileza. A demonstração de carinho; gestos de atenção e cuidado como, por exemplo, oferecer água e café logo no início da conversa; fazer perguntas que, para além do assunto, demonstrem interesse na família e na pessoa com quem está conversando são pequenas coisas que significam bastante para a construção de uma relação mais próxima com a família*

Diálogo e escuta

*{ (...) eu trabalho de porta aberta. Meus alunos quando tem algum problema o primeiro lugar que ele vem é aqui na minha sala.
(Diretora de uma escola no Espírito Santo) }*

Quando falamos de processos formativos, é senso comum que a escuta e o diálogo são ações essenciais para um projeto pedagógico efetivo. No entanto, nas conversas com famílias e educadores, muito se ouviu sobre as dificuldades em desempenhar essas ações no dia a dia das escolas e o impacto gerado pela sua falta nas relações com alunos e suas famílias. Investir na melhoria da relação família-escola significa construir uma relação dialógica não apenas com as famílias, mas fundamentalmente com os alunos. Nesse sentido, Szymanski (2007) ensina que:

*[Dialogar com uma criança e um adolescente não significa abdicar da autoridade: significa instaurar um pensar crítico; mostrar sensibilidade e abertura para compreender o outro; ter confiança na sua capacidade de compreensão; estar disponível para criar novas soluções; considerar os fundamentos éticos da educação; transmitir o conhecimento e a interpretação do mundo. Não significa ausência de conflitos, pois eles estão presentes na dialética entre o vivido e o pensado. É na sua superação que se constrói um novo saber.
(p. 35)]*

Para desempenhar uma relação baseada no diálogo, é preciso investimento, tempo, estar aberto para ouvir saberes e perspectivas diferentes. A realidade complexa das escolas mostra que são necessárias estratégias para se colocar em prática a escuta e o diálogo como processos permanentes e não apenas pontuais, de forma que possam criar, de maneira significativa, conexões entre a escola e as famílias. Essas estratégias devem ser planejadas para o início do ano letivo pelas escolas e estimuladas e apoiadas pelas secretarias de educação. Para não se configurarem como práticas marginais ou isoladas, devem ser planejadas em conjunto e constarem do Plano Político Pedagógico da escola, considerando os tempos dos profissionais.



De olho nas boas práticas

“A diretora teve a ideia de fazer um chá com a diretora. A cada 15 dias a gente tinha um grupo de pais dentro da escola e a gente deixava eles bem à vontade, conversando sobre assuntos diversos e foi muito bacana! Deu bastante resultado, eles se aproximaram, entenderam o trabalho, como funciona a escola, viram que não é fácil.”
(Coordenadora de Pais de Santos)

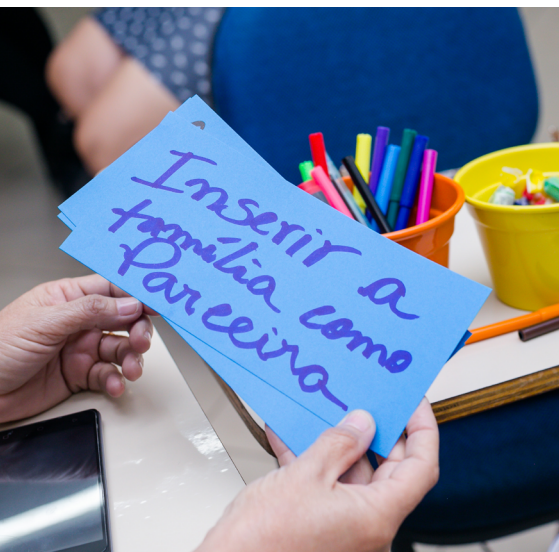
Sugestão de Atividade:

Apresentar a escola/Professores/funcionários à família. Uma maneira de recepcionar e integrar.

Convidar as famílias para conhecer as instalações e, principalmente, a equipe pedagógica e os funcionários é fundamental para que eles se apropriem do espaço e se sintam à vontade para fazer parte dele. Aproveite para compartilhar as normas de funcionamento previstas no Regimento Escolar. Ao comunicá-las aos pais, abre-se um canal de diálogo sobre os direitos e deveres de cada um. Se possível, faça com que os professores conheçam os familiares antes do início das aulas.

Outra ideia é organizar um encontro de escuta e acolhida no início do ano, onde os responsáveis são convidados a compartilhar suas expectativas em relação ao ano letivo e à aprendizagem dos filhos. O produto da conversa pode virar um documento de subsídio para ação dos professores.

7. Partilha de experiências e a construção coletiva



Quando os processos de formação continuada se constituem como momentos de troca e de construção coletiva, o processo de aprendizado se fortalece e a formação deixa de ser apenas conceitual e bancária para ser transformadora e engajadora nas mudanças necessárias para a realidade escolar. Considerando que não há receita de bolo para criar novas relações de aproximação entre escolas e famílias e que essas relações são marcadas por preconceitos e estereótipos, apenas um processo coletivo e participativo vai permitir um debate reflexivo que contribua para novas formas de pensar e agir. É no debate e na construção conjunta que somos obrigados a formular nossas ideias e confrontá-las com as ideias dos outros.

Nós vínhamos para as formações com todas as nossas dúvidas, desesperadas com situações que a gente só via em livros e a gente não sabia o que fazer. Quando chegávamos nós tínhamos o apoio umas das outras, porque o nosso grupo é unido, nos ajudávamos, nos apoiávamos, tínhamos também a ajuda das tutoras a qualquer momento que a gente ligasse.
(Coordenadora de Pais da Rede Estadual do Espírito Santo)

A troca de experiências e a construção coletiva entre as equipes da escola favorecem o alinhamento de pensamento e de prática. Sem esse alinhamento a escola terá profissionais agindo conforme cada um pensa e sem a mesma visão do que se quer construir. Além disso, perde-se a oportunidade de aprender no coletivo a partir do que foi vivido, seja como uma boa experiência, seja como uma experiência ruim. Segundo Nóvoa (1997, p.26): "A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando."

Às vezes fazíamos um encontro só para troca de figurinhas entre elas, troca de experiências. Então variava muito os temas das nossas formações, dependia da necessidade do momento.
(Tutora Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo)

Esse espaço de trocas deve ser planejado como um momento de ajuda mútua a partir de um tecer coletivo e colaborativo e da valorização dos saberes ali presentes. Nesse espaço será estimulado a descoberta, a partir do outro, de questões em comum e de novas possibilidades de se pensar o relacionamento com alunos e famílias. As direções das escolas e coordenações pedagógicas devem ser estimuladas para planejar estes momentos e inseri-los no calendário escolar.

O processo de construção coletiva tem como pressuposto o reconhecimento dos saberes e práticas locais, respeitando as especificidades culturais, econômicas e sociais dos diferentes territórios. Nesse processo é fundamental a identificação e valorização de boas iniciativas que já existem, que ocorrem nas escolas, mas que muitas vezes as secretarias de educação não conhecem e, por conseguinte, não as valorizam. Nessa perspectiva, a proposta de construção coletiva envolve partilhar e divulgar as boas práticas que já ocorrem no território, assumindo-as como uma iniciativa coletiva apoiada pela secretaria de educação.



De olho nas boas práticas

“Na minha escola tinha uma biblioteca que era ativa e eu só tive que acrescentar, propondo que os pais fizessem leituras para os seus filhos, fazendo com que eles se sentissem engajados no conhecimento e estando presentes, aprendendo também e ouvindo.” (Coordenadora de Pais de Santos)

Um ponto importante deste processo para além de identificar as boas práticas é o processo de valorização e reconhecimento que deve ser desempenhado como forma de estimular novas experiências e fortalecer as que já existem. Muitos bons esforços das escolas ficam invisíveis e tendo que ser menosprezados ou diminuídos perante experiências que vem de fora da escola e que, muitas vezes, não conseguem criar raízes. Valorizar o que vem da própria escola possui mais possibilidades de ter sustentabilidade e impacto no tempo do que vem de fora e permanecerá apenas um período curto de tempo.

Ainda no campo da partilha de experiências e de construção coletiva estão ainda as trocas envolvendo profissionais das escolas e familiares. A estratégia de Assessoria de iniciativa da Fundação Itaú Social e implementada pelo CIEDS colheu bons resultados dos encontros que foram organizados envolvendo escolas e famílias.

*Pela primeira vez foi uma relação de igual e não uma relação de assistência, a família assistindo o diretor falar. Ali eles estavam no mesmo patamar, discutiram e traçaram planos para a escola.
(Gestora da Secretaria Municipal de Educação de Santos)*

É papel das secretarias criar esses espaços de troca, como forma de fomentar inovações, criar capilaridade de práticas nas redes e fortalecer uma nova cultura de integração entre escolas e famílias.

8. O engajamento das Secretarias em uma nova cultura de interação família escola

Eu acho que o principal mesmo foi levar a “família na escola” para o calendário escolar, institucionalizar uma prática que a gente até sabia que em algumas escolas acontecia, mas não era uma coisa geral. A gente institucionalizou, eu acho que isso foi a grande jogada!

(Gestora da Secretaria Municipal de Educação de Santos)

Por mais que as ações de interação da escola com a família tenham que ser desenhadas a partir da realidade de cada comunidade escolar, é fundamental que diretrizes e ações de suporte para as redes sejam estabelecidas pelas Secretarias de Educação. Ações públicas que ampliem a visão de participação das famílias junto às redes são importantes para mudança das estratégias de comunicação e mobilização implementadas pelas escolas junto às famílias. Ações que fortaleçam nas redes o entendimento de que da mesma forma que é importante aproximar a família da escola é preciso aproximar a escola da família.

Para que as escolas sejam motivadas a trabalhar a relação família-escola é preciso que o tema se torne um eixo estratégico nas políticas públicas de educação, dependendo programas específicos, planejamento e orçamento. Por mais louváveis e importantes que sejam as iniciativas das escolas muitas vezes perdem força e terminam com o passar do tempo quando não há uma diretriz e apoio dos órgãos centrais da secretaria. Além disso, grande parte das boas práticas realizadas pelas escolas acaba não sendo reconhecida pelas secretarias e, por isso, muitas vezes são encerradas quando ocorrem mudanças nas equipes escolares, perdendo a oportunidade de serem disseminadas para outras escolas.



É fundamental que quem está no posto mais alto da rede de educação, entenda que tem sim um papel de liderança nessa área (...). Não há solução técnica se você tem um Secretário que acha que isso não é um problema dele ou que é um problema, mas que não há nada que ele possa fazer(...). Vemos a necessidade de se trabalhar de um jeito mais sistêmico, de forma que a Secretaria compre como um problema seu, como algo que ela vai querer catalisar, liderar.

(Patrícia Mota Guedes, Fundação Itaú Social)

Entre as estratégias importantes que devem ser lideradas pelas secretarias para o fomento da interação entre famílias e escolas na rede de ensino estão:

- *Colocar o tema da interação família e escola na agenda da formação continuada de responsabilidade da secretaria;*
- *Ampliar espaços de construção coletiva em seus processos de formação continuada para reflexão participativa e desenho colaborativo de estratégias de interação família escola;*
- *Promover o mapeamento de boas práticas existentes na rede, reconhecê-las e promover visibilidade delas para toda rede;*
- *Fomentar a criação e qualificação dos conselhos escolares através da distribuição de materiais, capacitações envolvendo profissionais das redes e familiares, bem como encontros de conselhos para troca de experiências;*
- *Organizar encontros de familiares e estudantes no tema da gestão democrática;*
- *Liderar a identificação de indicadores que apoiem as escolas no monitoramento de suas ações e identificação de evidências que demonstrem os resultados da interação da escola com a família, seja na participação mais efetiva e engajada de familiares na escola seja no desempenho escolar do estudante;*
- *Articular ações intersetoriais com outras secretarias para fortalecer ações integradas nos territórios de atenção e apoio para famílias e estudantes;*

A implementação destas estratégias deve ser norteada pela concepção de que a interação entre família e escola não está fora do contexto da escola mas que está diretamente relacionada com o papel da escola e que contribui efetivamente para os resultados da rede. Cabe à Secretaria zelar para que o conceito de gestão democrática presente nas diretrizes nacionais da educação brasileira norteie as práticas desenvolvidas e seja potencializado com diretrizes e ações públicas.



Caminhos e trilhas para conectar Aldeias

Eu acho que chegou o momento de a gente quebrar aquele rótulo porque a escola não é simplesmente uma instituição de ensino. Não tem como a escola estar lá simplesmente para ensinar um conteúdo para o aluno. Ali não é uma repartição burocrática, é gente, é vida, criança, adolescente, é jovem que está ali! Cada um com a sua história! Então acho que tem que mudar um pouco isso aí. E do outro lado aquele pai que acha que a escola é depósito. Ele larga o menino lá uma hora da tarde, vai buscar cinco horas e não quer nem saber. Então isso eu acho que esse projeto vem abrir um pouco os olhos para essa interação.
(Familiar de uma escola em Goiás)

Se entender como membro de uma Aldeia. Sentir o espírito de uma Aldeia. Esta é a proposta de educação que integra e engaja diferentes atores de uma comunidade escolar na causa da educação pública. Os depoimentos, aprendizagens, proposições e vivências organizadas nesta publicação tratam deste lugar da educação. Do lugar onde a Educação se compreende como Aldeia que integra, dialoga, articula e engaja diferentes atores e setores na prática do ensino e da aprendizagem e na luta contra desigualdades educacionais.

Este foi o propósito com o qual o Programa Coordenadores de Pais e a estratégia de Assessoria, de iniciativas da Fundação Itaú Social e implementados pelo CIEDS, se comprometeram. Como principal resultado da experiência foi identificar que o compromisso com esse propósito não foi apenas destes dois atores mas de centenas de profissionais das redes, familiares e gestores de secretarias. O espírito de Aldeia voou para além da tribo e conecta hoje diferentes tribos e aldeias.

Eu acredito que hoje há um olhar diferenciado. Eu vejo pela escola onde trabalhei, eles têm essa sensibilidade. Na maioria das vezes os profissionais não tinham esse entendimento de que não há escola sem família, o foco era só o aluno. Hoje as escolas tem outro olhar.
(Coordenadora de Pais da Rede Estadual do Espírito Santo)

Mais importante ainda destacar que este olhar diferenciado que a coordenadora de pais identifica está presente não apenas na escola mas na política pública. O engajamento de Secretarias na construção colaborativa de estratégias junto com suas redes foi um dos principais resultados e conquistas das ações implementadas. Trata-se de um engajamento fundamental para a sustentabilidade e a escalabilidade dos resultados conquistados. Diretrizes foram estabelecidas, estratégias formativas foram adotadas, investimentos foram feitos.

Sem este olhar de política pública para o tema, a integração entre escolas e famílias continuará se limitando ao esforço heroico de escolas e profissionais correndo sempre o risco de ser interrompido com a retirada do herói de cena. O engajamento das secretarias é fundamental. Tanto na formação e construção de alinhamentos e entendimentos sobre o tema quanto no investimento de estratégias que impulsionem ações concretas junto as redes. Cabe ainda às secretarias garantir que o princípio da Gestão Democrática esteja presente norteando todas as ações.

É uma nova cultura. A cultura de uma Aldeia que possui diferentes caminhos e trilhas para chegar em outras Aldeias criando conexões e integrando Aldeias em rede. Uma rede de políticas, de parcerias, de conhecimentos, de amorosidades e de seres humanos.

Agora que encerrou sua leitura, entre para essa rede.

Bora fazer e se sentir Aldeia.

Referências Bibliográficas

AIRÉS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/>. Acesso em: dezembro, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 22. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Paula (Org.). Famílias e conexões territoriais: uma experiência no enfrentamento das desigualdades na zona leste de São Paulo. São Paulo: Fundação Tide Setubal, 2016.

GUEDES, Patrícia Mota; LEITE, Priscila Dias. Guia do Programa Coordenadores de Pais. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2015.

LEITE, Priscila Dias. Sim, a família educa: a importância da relação família-escola na educação integral de crianças e adolescentes. São Paulo, 2016. Monografia. Especialização em Fundamentos de uma Educação para o Pensar. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NÓVOA, Antonio. (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997.
RESENDE, Tânia F.; SILVA, G. F. A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988-2014). Ensaio (Rio de Janeiro. Online), v. 24, p. 30-58, 2016.

SZYMANSKI, Heloisa. A relação família/escola: desafios e perspectivas. Brasília: Liber Livro, 2007.
VÁRIOS AUTORES. Tendências para a educação integral. São Paulo: Fundação Itaú Social, CENPEC, 2011.

UNESCO, MEC. Interação escola-família: subsídios para práticas escolares / organizado por Jane Margareth Castro e Marilza Regattieri. – Brasília : UNESCO, MEC, 2009.









REALIZAÇÃO

INICIATIVA

